

ISSO É UM ANIMAL OU UMA PLANTA? FITONÍMIA REFERENTE A ANIMAIS: ABORDAGEM ECOLINGUÍSTICA

Data de submissão: 22/03/2023

Data de aceite: 02/05/2023

Mydian Cristiane da Rocha Santos

Universidade Estadual de Feira de Santana, discente Bacharelado em Ciências Biológicas.
Feira de Santana – Bahia
<http://lates.cnpq.br/3947159655553256>

Eraldo Medeiros Costa Neto

Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Biológicas. Feira de Santana – Bahia
<http://lates.cnpq.br/2521953264550977>

Gilberto Paulino de Araújo

Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Arraias.
Arraias – Tocantins.
<http://lates.cnpq.br/3619414510173162>

RESUMO: As denominações populares das plantas constituem uma parte significativa da cultura popular relacionada com o mundo vegetal. São conhecimentos transmitidos historicamente por via oral, cuja riqueza tanto botânicos quanto linguistas se ocupam em registrar e estudar. O *corpus* deste trabalho pauta-se no registro de nomes das plantas que se relacionam direta e/ou indiretamente com os animais (referente zoonímico). A geração e a análise

do *corpus* ocorreram por meio da pesquisa bibliográfica com base em autores que se dedicaram ao estudo etnofarmacobotânico ou, de maneira mais específica, sobre o uso e a diversidade de plantas medicinais em diferentes comunidades da Bahia. O diálogo com a ecolinguística possibilitou a discussão sobre os elementos lexicais e semânticos que constituem os fitônimos formados a partir da referência aos animais. Os trabalhos investigados possibilitaram o levantamento e a sistematização dos fitozoônimos analisados. Em relação à análise, podemos destacar os seguintes elementos formadores dos fitônimos: (i) referência direta aos animais; (ii) referência a partes corporais dos animais; (iii) “produtos” metabólicos dos animais; (iv) outros elementos nominativos; e (v) verbos de ação. Registra-se um total de 42 famílias botânicas, com destaque para Leguminosae (n=16), Euphorbiaceae (n=9), Asteraceae (n=8), Boraginaceae (n=5) e Loranthaceae e Solanaceae (n=4). Quanto aos referentes animais, registram-se sete grupos taxonômicos, distribuídos em mamíferos (n=22), aves (n=10), répteis (n=7), anfíbios (n=1), “peixes” (n=1), insetos (n=3) e moluscos (n=1). Do total de 22 zoônimos para mamíferos, o lexema boi

aparece 13 vezes, seguido de vaca (7), de burro e macaco (4). Com relação às aves, o zoônimo galinha aparece oito vezes. Por meio da análise, observamos a inter-relação entre os elementos de ordem natural (referência a animais) e cultural (motivação no ato da nomeação e compartilhamento social dos significados). Nossas considerações finais são de que a compreensão da formação linguística do nome de um organismo é essencial nos estudos de etnobiossistemática.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora vegetal; Fitonomástica; Ecolinguística.

IS THIS AN ANIMAL OR A PLANT? PHYTONYMY REGARDING ANIMALS: ECOLINGUISTIC APPROACH

ABSTRACT: The popular names of plants constitute a significant part of popular culture related to the plant world. This is knowledge transmitted historically orally, whose richness both botanists and linguists are busy recording and studying. The corpus of this work is based on the registration of names of plants that are directly and/or indirectly related to animals (zoonymic reference). The generation and analysis of the corpus occurred through bibliographical research based on authors who dedicated themselves to the ethnopharmacobotanical study or, more specifically, on the use and diversity of medicinal plants in different communities in Bahia. The dialogue with ecolinguistics allowed the discussion about the lexical and semantic elements that constitute the fitonyms formed from the reference to animals. The works investigated made it possible to survey and systematize the analyzed phytozonyms. Regarding the analysis, we can highlight the following forming elements of fitonyms: (i) direct reference to animals; (ii) reference to body parts of animals; (iii) metabolic “products” of animals; (iv) other nominative elements; and (v) action verbs. A total of 42 botanical families are registered, with emphasis on Leguminosae (n=16), Euphorbiaceae (n=9), Asteraceae (n=8), Boraginaceae (n=5) and Loranthaceae and Solanaceae (n=4). As for animal references, seven taxonomic groups are registered, distributed in mammals (n=22), birds (n=10), reptiles (n=7), amphibians (n=1), “fish” (n=1), insects (n=3) and molluscs (n=1). Of the total of 22 zonyms for mammals, the lexeme boi appears 13 times, followed by cow (7), donkey and monkey (4). With regard to birds, the zonym chicken appears eight times. Through the analysis, we observed the interrelation between elements of a natural order (reference to animals) and cultural (motivation in the act of naming and social sharing of meanings). Our final considerations are that understanding the linguistic formation of an organism’s name is essential in ethnobiological studies.

KEYWORDS: Vegetable metaphor; Phytonomastic; Ecolinguistics.

INTRODUÇÃO

A inter-relação (e dependência) dos seres humanos com o Reino Vegetal é mais que perceptível e comprovada. Desde o ar que respiramos, passando pela alimentação, os princípios ativos como fonte de compostos químicos para elaboração de medicamentos, os elementos simbólicos presentes nas artes, os aspectos mítico-religiosos, paisagismo etc. O mundo das plantas está inexoravelmente atrelado a nós, e com elas estabelecemos uma miríade de conexões arquetípicas e vitais a nossa sobrevivência em Gaia/Gea/Terra.

“Tal como nossos corpos evoluíram, somos, com as plantas, seres complementares na Unidade da Vida: o produto da fotossíntese é o oxigênio, que necessitamos para viver, e o produto de nossa respiração é o dióxido de carbono, que as plantas necessitam para viver” (LINS; COSTA NETO, 2022, p. 101).

Parte considerável do empreendimento humano é compreender-se no cosmos e dar sentido aos elementos que existem em seu plano físico e imagético. A vida no planeta Terra evoluiu para se expressar em centenas de milhares de espécies, dentre as quais situam-se os entes biológicos que pertencem ao reino das plantas. Ao longo de seu transcurso cultural, o ser humano (*Homo sapiens sapiens* Linnaeus, 1758) tem buscado identificar, discriminar e rotular linguisticamente essa rica explosão de espécies. Nesse sentido, identificar, nominar e classificar os elementos bióticos dos ecossistemas foi (e ainda é) uma condição *sine qua non* para a sobrevivência, manutenção e evolução dos grupamentos humanos, desde o momento em que os primeiros povos caçadores e coletores aprenderam a distinguir os vegetais comestíveis dos tóxicos, quais tinham propriedades curativas ou quais poderiam resultar úteis para fabricar materiais para serem usados na vida cotidiana (BONET, 2010).

Os seres humanos têm buscado denominações para as plantas, começando por aquelas que eram mais conhecidas por suas propriedades benéficas ou prejudiciais. Assim, formou-se um acervo de nomes de plantas com alusões aos aspectos morfológicos, espaços geográficos, enfermidades, sintomas, crenças mágico-religiosas, entre outras. (XIRAU, 1996, p. 7).

As denominações populares das plantas constituem uma parte significativa da cultura popular relacionada com o mundo vegetal. São conhecimentos transmitidos historicamente por via oral, cuja riqueza tanto botânicos quanto linguistas se ocupam em registrar e estudar (Bonet, 2010). Em outras palavras, a etnobotânica e a ecolinguística investigam as denominações populares das plantas nos territórios estudados. Com razão, a composição florística de uma região influencia na diversidade de nomes comuns das plantas. Isso foi verificado, por exemplo, no estudo de Van den Eynden *et al.* (2004), que registraram um total de 411 fitônimos correspondentes a 354 espécies de plantas silvestres comestíveis utilizadas por mestiços e indígenas da etnia Shuar do sul do Equador.

No Brasil, estudos voltados ao registro do conhecimento botânico tradicional começaram com André Thevet, Guilherme Piso e von Martius, que aproveitaram da nomenclatura indígena, mas não estudaram a glossologia e a taxonomia dos nomes das plantas (HAVERROTH, 1997). Garcia (1961/1962) tece considerações sobre a fitonímia Tupi-Guarani registrada no primeiro século da conquista. No início do século XX, Barbosa Rodrigues (1905 in HAVERROTH, op. cit.) publicou um estudo sobre nomenclatura botânica por indígenas da família linguística Tupi-Guarani e por Tapuios do Vale do Amazonas, Paraguai e Mato Grosso. Na década de 1960, Hartmann (1967) descreveu e analisou linguisticamente os nomes pelos quais os Bororo (povo indígena do Mato Grosso)

identificavam as plantas. A autora preocupou-se em registrar os princípios que orientavam a classificação e a categorização das plantas no ambiente de cerrado por essa etnia.

Reunindo um considerável número de estudiosos, Kffuri *et al.* (2019) demonstram que as pesquisas de fitonímia são complexas e multidisciplinares e podem ser ferramentas poderosas na recuperação do patrimônio cultural, na história do contato e das migrações dos povos, da análise cognitiva dos povos e do seu entorno, das religiões, na análise ecológica e do manejo e dispersão de plantas, de nomes científicos, no mapeamento linguístico e produção de dicionários, finalidade terapêutica, entre outros.

A atividade de nomear resulta do processo de categorização. Por sua vez, a categorização fundamenta-se na capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do homem. A esse processo segue-se o ato de nomear. Por essa razão a categorização é o processo em que se baseia a semântica de uma língua natural, por meio do qual o homem desenvolveu a capacidade de associar palavras a conceitos. (BIDERMAN, 2006, p. 35).

Ao desenvolver um estudo etnolinguístico acerca do sistema fitonímico dos moradores de Tupe e Cachuy, que falam a língua Cauqui ou Jacaru (Lima, Peru), Escobar Zapata (2017, p. 43-44) diz que:

Uma classificação geral corresponderia às plantas silvestres ou selvagens frente às cultivadas; y, outras são mais específicas, por exemplo, centrando-se na forma ou 44 propriedades físicas da planta, das folhas, dos ramos ou dos frutos (alargadas, ovaladas, redondas, tubulares, estreladas etc.); na cor, odor, tamanho, textura, o a família a que pertencem. Em outros casos, leva-se em conta a relação ou semelhança da planta com alguns animais, com o homem, com alguma parte da natureza, etc.

De fato, o nome de uma planta pode ser baseado em seu significado ou uso cultural, suas características morfológicas, ou em seus hábitos (BERLIN, 1992). Um nome pode também indicar a semelhança da planta com outras. Desse modo, quando as pessoas nomeiam as plantas, elas as classificam, conscientemente ou não. Existem dois tipos básicos de nomes comuns de plantas: nomes primários e nomes secundários. Os nomes primários geralmente são uma expressão de uma palavra (monomial), mas podem ser complexos (binomiais), como, por exemplo, bela-emília (*Plumbago auriculata* Lam., Plumbaginaceae). Nomes secundários são complexos (binomiais) e ocorrem em conjuntos de nomes contrastantes que indicam relações hierárquicas entre um grupo de táxons de plantas, como orquídea-bambu, *Arundina graminifolia* (D. Don) Hochr., um tipo de Orchidaceae. Os descritores contrastantes referem-se quase sempre a características, distribuição ou uso da planta, e geralmente servem para diferenciar uma planta de espécimes relacionados semelhantes. Os gêneros populares geralmente possuem nomes primários, enquanto táxons específicos subordinados possuem nomes secundários. No âmbito da cultura popular, o modo de designar os vegetais varia notavelmente de uma área geográfica a outra, e pode haver diferenças marcantes entre zonas próximas.

Para Barrás (2000), a descrição lexicográfica de plantas oferece três tipos de denominações: 1) a denominação popular (nomes vulgares ou vernáculos); 2) a denominação nomenclatural (em geral de origem latina); 3) a denominação oficial, de divulgação ou semicientífica. O modelo de definição na lexicografia é a definição lógica ou aristotélica constituída por um elemento genérico e outro específico. A lexicografia é obtida fundamentalmente dos conceitos culturais, que têm sua origem nos moradores, adquirem seu significado pleno a partir do uso linguístico e se modificam pela intervenção de diversos fatores, entre eles a evolução da ciência (RIZZI, 2012).

Antonio Pamies (2014) diz que o reino vegetal ocupa um lugar de destaque entre as representações simbólicas que inspiram imagens verbais. A própria palavra *cultura* é por si mesma uma metáfora vegetal e todos os tipos de frutas, legumes, flores, árvores etc. podem conceituar os mais diversos fenômenos. Metaforicamente, usamos a “linguagem das flores” para simbolizar sentimentos e comportamentos humanos (p. ex., rosa = beleza feminina; crisântemo = luto; lírio = inocência; narciso = vaidade). Muitas vezes, a linguagem coloquial usa nomes de plantas para se referir a outras realidades, como partes do corpo humano (p. ex., tronco = torso; pau = pênis; glande = prepúcio).

Isso nos inspira e faz pensar sobre o processo de nomeação de plantas (medicinais) que trazem referentes a animais. Pamies (2014) fornece exemplos de plantas nomeadas com referentes animais nos idiomas árabe, francês, espanhol, português e russo. Alinei (2003) registrou os nomes de animais usados para designar diferentes referentes na Itália, inclusive plantas. As representações zoomórficas fazem referência também a atributos e propriedades dos animais. Por exemplo, *capra* designa as espécies *Bellis perennis* L. e *Spirea ulmaria* L.; *lupo* designa *Arum italicum* Mill., *Crataegus oxyacantha* L., *Salvia pratensis* L. e *Antirrhinum majus* L.

Em essência, o fato de que nomes de animais possam designar aspectos da paisagem, da flora, fenômenos naturais, doenças e outras condições humanas, ferramentas de trabalho e seres mágico-religiosos, tanto pré-cristãos quanto cristãos, representa uma forte evidência do papel central desempenhado pelos animais em estágios iniciais da cultura humana, e o enorme poder que foi atribuído a eles como uma consequência da dependência humana dos animais para sua sobrevivência. [E completa] Apenas assumindo que os animais estavam no centro do universo, como totens do grupo humano e criadores do mundo, é possível explicar o uso de nomes animais como motivo para o significativo dos aspectos mais importantes do universo. (ALINEI, 2003, p. 159).

A fitonímia Nheengatu de plantas antimaláricas utilizadas por indígenas do Alto rio Negro (KFFURI et al., 2019) revela exemplos de fitozoônimos (binomiais), tais como: **saracura-mirá** (*Ampelozizyphus amazonicus* Ducke), **iauti-escada** ou escada-de-jabuti (*Phanera splendens* Spruce ex Benth.) e **buiuiu** (*Sabicea amazonensis* Wernham). No primeiro caso, saracura designa certas aves de pernas muito compridas e finas, enquanto **mirá** (**mbyrá**) significa pau ou pé. No segundo exemplo, o termo **iauti** em tupi antigo

significa jabuti. O vocábulo **buiuiu** poderia ser constituído pelos substantivos **Mboi** = cobra e **Yu** = espinho, uma cobra com espinhos. Os autores comentam que “o termo cobra faz sentido se levarmos em consideração a forma da planta (uma liana) e sua utilização e associações nos rituais xamânicos.”

Do ponto de vista ecolinguístico, o conhecimento etnobotânico revela elementos para além do processo de identificação e nomeação das espécies da flora de determinado território. Este processo demonstra um alto grau de **reflexão, interpretação e interação**. De acordo com Araújo (2014, p. 172),

Compreendemos o processo de nomeação como resultante da percepção da realidade imediata por meio da cognição e dos sentidos, representação do real através da categorização e classificação, e a conceptualização que resulta do compartilhamento ou socialização com outros membros da comunidade (nos diferentes contextos de interação comunicativa).

A compreensão da formação linguística do nome de um organismo é essencial nos estudos de etnobiossistemática. Daly (1998) enfatiza que o nome de um animal ou de uma planta aponta para um conceito, categoria ou táxon, que é um arquivo de história natural cheio de informação, uma vez que pode revelar, assim como, às vezes, obscurecer, como os processos de percepção, identificação e nomenclatura foram e estão organizados. Para Atran (1990), a obtenção do vocabulário (léxico) adotado por determinada população local seria o primeiro passo para acessar as informações sobre os diversos domínios cognitivos que compõem a mente e também uma forma de aproximação indireta da formação e difusão de conceitos relacionados ao universo pesquisado.

Diante do exposto, o presente trabalho analisa a formação de nomes populares de plantas medicinais que se relacionam, direta e/ou indiretamente, com referentes zoológicos (zoonímicos).

METODOLOGIA

O procedimento metodológico adotado tem como base a pesquisa bibliográfica. Vale ressaltar o caráter multimetodológico da investigação ao levarmos em consideração o levantamento e a sistematização dos dados a partir da revisão de estudos etnobotânicos, assim como a análise dos elementos lexicais e semânticos em diálogo com a ecolinguística.

A respeito da metodologia em ecolinguística (ou linguística ecossistêmica), Couto (2018) detalha as diversas possibilidades de desenvolvimento de uma pesquisa a partir da perspectiva complexa ou ecológica, denominada ecometodologia. Para fins desse trabalho, adotamos o método da focalização, descrito pelo autor como a melhor forma de análise para quem precisa estudar determinado fenômeno ou aspecto mais específico da língua. Este método foi proposto pelo linguista Mark Garner em sua obra *Language: an ecological view*.

O conceito de focalização implica prestar bastante atenção a um problema ou fenômeno contra o pano de fundo do contexto em que ele ocorre. Em um filme, a câmera pode focalizar, por exemplo, a face de um ator a fim de chamar a atenção para uma expressão particular, mas, durante o tempo em que os outros elementos da cena estiverem fora de foco, estão ainda lá como um pano de fundo essencial para entender a expressão. Mesmo se a face toma conta de toda a tela temporariamente, excluindo todo o resto, a câmera pode retroceder a fim de abarcar o contexto maior. (GARNER, 2004, apud COUTO, 2018, p. 29).

Nesse sentido, a geração e a análise do *corpus* ocorreram por meio da pesquisa bibliográfica com base em autores que se dedicaram ao estudo etnofarmacobotânico ou, de maneira mais específica, sobre o uso e a diversidade de plantas medicinais em diferentes contextos socioculturais do estado da Bahia (COSTA NETO; OLIVEIRA, 2000; RODRIGUES; GUEDES, 2006; PINTO *et al.*, 2006; CUNHA LIMA *et al.*, 2012a, 2012b; FEIJÓ *et al.*, 2013; CARDOSO, 2016; GOMEZ *et al.*, 2016; NETO GALVÃO *et al.*, 2021; entre outros). A base bibliográfica foi feita consultando-se o Google Acadêmico, mediante a busca pelos seguintes unitermos: “plantas medicinais”, “conhecimento tradicional”, “etnobotânica”, “Bahia” e “cidades baianas”.

“A pesquisa bibliográfica oferece o suporte a todas as fases de qualquer tipo de pesquisa, uma vez que auxilia na definição do problema, na determinação dos objetivos, na construção de hipóteses, na fundamentação da justificativa da escolha do tema e na elaboração do relatório final” (FONTANA, 2018, p. 66). Ressaltamos, assim, nosso esforço em contribuir com os estudos sobre fitonímia ainda que esta pesquisa seja fundamentada exclusivamente a partir da revisão de obras já publicadas. Em outras palavras “[...] embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas” (GIL, 2002, p. 44).

A pesquisa bibliográfica, tal como esclarece Boccato (2006, p. 266), “[...] trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica”. Portanto, a importância da pesquisa bibliográfica está relacionada ao fato de se buscar novas descobertas a partir de conhecimentos já elaborados e produzidos. Desse modo, futuras pesquisas nesta área podem ser simplificadas reavaliando os trabalhos citados neste estudo, visando à praticidade e à qualidade da investigação dos pesquisadores (BRITO, 2021).

RESULTADOS

Os trabalhos investigados possibilitaram o registro de 124 espécies de plantas medicinais (considerando-se gênero e epíteto) cujos nomes são referentes zoonímicos (Quadro 1). As espécies vegetais foram devidamente classificadas em suas famílias botânicas, enquanto os animais citados foram identificados ao menor táxon possível.

Os dados referentes aos fitônimos são apresentados no Quadro 1 em que constam quatro colunas com: (i) fitozoônimos (designação popular ou nome da planta propriamente dito); (ii) nome científico; (iii) família botânica; (iv) autores que fundamentam a pesquisa bibliográfica. Registra-se um total de 42 famílias botânicas, das quais se destacam as seguintes em termos de representatividade: Leguminosae, registrada 16 vezes; Euphorbiaceae (n=9); Asteraceae (n=8); Boraginaceae (n=5) e Loranthaceae e Solanaceae (n=4).

Fitozoônimos	Nome científico	Família	Autores
Agasalho-de-anu	<i>Struthanthus flexicaulis</i> (Mart. ex Schult. f.) Mart.	Loranthaceae	Neto Galvão et al. (2021)
Água-de-elefante	<i>Alpinia speciosa</i> K. Schum.	Zingiberaceae	Rodrigues e Guedes (2006), Gomez et al. (2016)
Alecrim-de-boi	<i>Lippia cf. pohliana</i> Shauer	Verbenaceae	Costa Neto e Oliveira (2000), Costa Neto et al. (1999)
Alfavaca-de-cobra	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	Piperaceae	Moreira et al. (2002), Cunha Lima et al. (2012a), Feijó et al. (2013), Cardoso (2016), Gomez et al. (2016)
	<i>Ertela trifolia</i> (L.) Kuntze	Rutaceae	Gomes Neto et al. (2014)
Alfavaca-de-galinha	<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Lamiaceae	Moreira et al. (2002), Feijó et al. (2013), Gomez et al. (2016)
	<i>Ocimum canum</i> Sims.		Borges e Bautista (2010)
	<i>Ocimum</i> sp.		Pinto et al. (2006)
Alfavaquinha-de-cobra	<i>Peperomia ampestr</i> (L.) Kunth.	Piperaceae	Tavares et al. (2019)
	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth		Rodrigues e Guedes (2006), Pinto et al. (2006), Borges e Bautista (2010), Gomez et al. (2016)
Alfavaquinha-de-galinha	<i>Ocimum carnosum</i> (Spreng) Link & Otto ex. Benth.	Lamiaceae	Neto Galvão et al. (2021)
Amor-de-burro	<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC.	Leguminosae	Sacramento et al. (2019)

Assa-peixe	<i>Vernonia polyanthes</i> Less.	Asteraceae	Brito et al. (2015), Cardoso (2016), Tavares et al. (2019)
	<i>Vernonia polysphaera</i> Less.		Sacramento et al. (2019)
	<i>Vernonia</i> sp.		Costa Neto e Oliveira (2000)
	<i>Vernonia ferruginea</i> Less.		Borges e Bautista (2010)
	<i>Vernonanthura brasiliiana</i> (L.) H.Rob. sin. <i>Vernonia brasiliiana</i> (L.) Druce		Almeida et al. (2014), Lisboa et al. (2017)
	<i>Vernonnanthura polyanthes</i> (Sprengel) Veja & Dematteis sin. <i>Vernonia polyanthes</i> Less.		Neto Galvão et al. (2021)
	<i>Eupatorium altissimum</i> L.		Tavares et al. (2019)
Assa-peixe-branco	<i>Verbesina macrophylla</i> (Cass.) SF Blake		Feijó et al. (2013), Neto et al. (2014), Almeida et al. (2014)
	<i>Vernonia brasiliiana</i> (L.) Druce sin. <i>Vernonanthura brasiliiana</i> (L.) H.Rob.		Borges et al. (2006)
	<i>Vernonia polysphaera</i> Less.		Silva (2012)
Baba-de-boi	<i>Solanum hypocarpium</i> A.St.-Hil.	Solanaceae	Tavares et al. (2019)
	<i>Pavonia cancellata</i> (L.) Cav.	Malvaceae	Almeida et al. (2014)
Baba-de-boi-árvore	<i>Cordia rufescens</i> A.DC.	Boraginaceae	Neto Galvão et al. (2021)
Barba-de-barata	<i>Caesalpinia pulcherrima</i> (L.) Sw.	Leguminosae	Costa Neto et al. (2005), Silva (2012)
Barba-de-bode	<i>Aristida pallens</i> Cav.	Poaceae	Soares et al. (2021)
Batata-de-boi	<i>Ipomoea asarifolia</i> Roem. & Schult.	Convolvulaceae	Gomes Neto et al. (2014)
Batata-de-teiú	<i>Wibrandia</i> sp.	Cucurbitaceae	Gomes et al. (2008)
	<i>Cayaponia tayuya</i> (Mart.) Cogn.		Tavares et al. (2019)
	<i>Operculina alata</i> (Hem) Urban.	Convolvulaceae	Silva et al. (2022)
Beiço-de-boi	<i>Desmodium barbatum</i> (L.) Benth.	Leguminosae	Mota e Dias (2012)
Bico-de-galo	<i>Centropogon cornutos</i> (L.) Druce	Campanulaceae	Costa et al. (2006), Gomez et al. (2016)
Cabeça-de-formiga	<i>Croton lobatus</i> L.	Euphorbiaceae	Rodrigues e Guedes (2006)
Cainana	<i>Chiococca alba</i> (L.) Hitchc.	Rubiaceae	Silva (2012)
Cainaninha	<i>Chiococca alba</i> (L.) Hitchc.		Borges e Bautista (2010)
Calumbi-de-boi	<i>Piptadenia viridiflora</i> (Kunth.) Benth.	Leguminosae	Gomes e Bandeira (2012)

Cambabá/ cambambá	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Phytolacaceae	Almeida e Bandeira (2010), Almeida (2011), Gomes e Bandeira (2012)
Camboatá	<i>Cupania oblongifolia</i> Mart.	Sapindaceae	Almeida e Bandeira (2010), Almeida (2011)
Cana-de-macaco	<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	Costaceae	Pinto et al. (2006), Cunha Lima et al. (2008, 2012a), Mota e Dias (2012), Paixão et al. (2016), Gomez et al. (2016)
	<i>Costus scaber</i> Ruiz & Pav.		Neto Galvão et al. (2021)
	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.		Almeida et al. (2014), Gomez et al. (2016), Lisboa et al. (2017), Tavares et al. (2019), Sacramento et al. (2019), Neto Galvão et al. (2021)
	<i>Costus arbicus</i> L.		Silva (2012)
Cana-de-macaco-vermelha	<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe		Gomez et al. (2016)
Capim-de-burro	<i>Aloysia polystachya</i> (Griseb.) Moldunke	Verbenaceae	Tavares et al. (2019)
Capim-de-raposa	<i>Setaria parviflora</i> (Poir) Kerg.	Poaceae	Tavares et al. (2019)
Carrapicho-de-ovelha	<i>Bidens pilosa</i> L.	Asteraceae	Costa Neto et al. (1999), Costa Neto e Oliveira (2000)
	<i>Krameria tormentosa</i> St. Hil.	Krameriaceae	Gomes e Bandeira (2012)
Carrapicho-de-boi	<i>Triumpheta semitrilobata</i> L.	Tiliaceae	Gomes et al. (2008)
Carrapicho-de-cavalo	<i>Krameria tormentosa</i> St. Hil.	Krameriaceae	Borges et al. (2006)
Catana-de-jacaré	<i>Smilax hilariana</i> DC.	Smilacaceae	Silva et al. (2012a)
Catinga-de-bode	<i>Sebastiania</i> sp.	Euphorbiaceae	Pinto et al. (2006), Gomez et al. (2016)
Catinga-de-porco	<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Leguminosae	Silva et al. (2012a, 2012b), Melo-Batista e Oliveira (2014), Cardoso (2016), Araújo e Brito (2018), Tavares et al. (2019), Sacramento et al. (2019)
	<i>Croton echioides</i> Baill.	Euphorbiaceae	Rocha e Alves (2020), Cunha et al. (2012b)
	<i>Poinceanella microphylla</i>	Leguminosae	Almeida (2011)
	<i>Terminalia brasiliensis</i> (Cambess. Ex A.St.-Hil.) Eichler	Combretaceae	Santos et al. (2014)
Cavalinha	<i>Equisetum hyemale</i> L.	Equisetaceae	Santos et al. (2014)
	<i>Equisetum arvense</i> L.		Araújo e Brito (2018)
	<i>Equisetum giganteum</i> L.		Brito et al. (2015)
	<i>Equisetum</i> sp.		Alcântara Júnior et al. (2005)

Chá-de-burro	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich) Vahl.	Verbenaceae	Pinto et al. (2006)
Cipó-de-cainana	<i>Chiococca alba</i> L. Hitch.	Rubiaceae	Tavares et al. (2019)
Cipó-tripa-de-galinha	<i>Dalechampia tiliifolia</i> Lam.	Euphorbiaceae	Borges et al. (2006)
Coentro-de-boi	<i>Eryngium foetidum</i> L.	Apiaceae	Almeida et al. (2014), Tavares et al. (2019), Farias et al. (2021)
Concha-de-ogun	<i>Gladiolus hortulans</i> L.H. Bailay	Iridaceae	Tavares et al. (2019)
Cravo-de-urubu	<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass. subsp. <i>ruderale</i>	Asteraceae	Borges et al. (2006)
Crista-de-galo	<i>Heliotropium cf. indicum</i> (L.) Lehm.	Boraginaceae	Moreira et al. (2002), Rodrigues e Guedes (2006), Neto et al. (2014), Almeida et al. (2014), Gomez et al. (2016)
	<i>Heliotropium elongatum</i> Willd.		Almeida (2011)
	<i>Heliotropium foetidum</i> DC et Salzn.		Costa Neto et al. (1999), Costa Neto e Oliveira (2000)
	<i>Centropogon cornutos</i> (L.) Druce	Campanulaceae	Costa et al. (2006), Gomez et al. (2016)
	<i>Celosia</i> sp.	Amaranthaceae	Silva et al. (2012a)
	<i>Celosia argentea</i> L.		Neto Galvão et al. (2021)
Dente-de-leão	<i>Taraxacum officinale</i> Weber	Asteraceae	Brito et al. (2015), Araújo e Brito (2018)
Enxerto-de-passarinho	<i>Phoradendron crassifolium</i> (Pohl ex. DC.) Eichler	Viscaceae	Moreira et al. (2002), Gomez et al. (2016)
	<i>Croton antisiphiliticus</i> Mart.	Euphorbiaceae	Silva et al. (2012a)
	<i>Struthanthus</i> sp.	Loranthaceae	Costa Neto et al. (1999)
Erva-andorinha	<i>Euphorbia pilulifera</i> L.	Euphorbiaceae	Borges et al. (2006)
Erva-de-bem-te-vi	<i>Struthanthus springifolius</i> Mart.	Loranthaceae	Mota e Dias (2012)
Erva-de-bicho	<i>Polygonum hydropiperoides</i> Michx.	Polygonaceae	Brito et al. (2015)
	<i>Polygonum acre</i> H.B.K.		Borges et al. (2006)
Erva-de-passarinho	<i>Struthanthus flexicaulis</i> (Mart. ex Schult. f.) Mart.	Loranthaceae	Cunha Lima et al. (2008, 2012a), Melo-Batista e Oliveira (2014)
	<i>Phoradendron crassifolium</i> (Pohl ex. DC.) Eichler	Viscaceae	Borges et al. (2006)
Erva-de-pombinha	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Euphorbiaceae	Silva et al. (2022)
Erva-mocó	<i>Solanum nigrum</i> L.	Solanaceae	Borges et al. (2006)
Escada-de-macaco	<i>Bauhinia splendens</i> Kunth.	Leguminosae	Melo-Batista e Oliveira (2014), Santos et al. (2014)
	<i>Bauhinia glabra</i> Jacq.		Silva et al. (2022)

Escova-de-rato	<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass.		Neto Galvão et al. (2021)
Favaquinha-de-cobra	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	Piperaceae	Almeida et al. (2014), Farias et al. (2021)
Feijão-de-boi	<i>Dioclea virgata</i> (Rich.) Amshoff	Leguminosae	Melo-Batista e Oliveira (2014)
Feijão-de-porco	<i>Canavalia ensiformis</i> (L.) DC.		Neto Galvão et al. (2021)
Fruto-de-paca	<i>Carpotroche brasiliensis</i> (Raddi) Endl.	Achariaceae	Costa et al. (2006), Gomez et al. (2016)
Grão-de-boi	<i>Bauhinia subclavata</i> Benth. in Mart.	Leguminosae	Almeida e Bandeira (2010), Almeida (2011)
Guinezinha	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Phytolacaceae	Gomes e Bandeira (2012)
Jacaré	<i>Smilax hilariana</i> DC.	Smilacaceae	Silva et al. (2012a)
Lã-de-carneiro	<i>Acanthospermum australe</i> (Loefl.) Kuntze	Asteraceae	Neto Galvão et al. (2021)
Língua-de-tatu	<i>Sida limifolia</i> Cav.	Malvaceae	Neto et al. (2014)
Língua-de-teiú	<i>Sida canifolia</i> Cav.		Mota e Dias (2012)
Língua-de-vaca	<i>Talinum patens</i> Willd.	Talinaceae	Costa Neto et al. (1999)
	<i>Talinum paniculatum</i> (Jacq.) Gaertn.		Almeida et al. (2014)
	<i>Talinum triangulare</i> (Jacq.) Willd.		Gomez et al. (2016)
	<i>Chaptalia integerrima</i> (Vell.) Burk.	Asteraceae	Borges et al. (2006)
Malva-de-jegue	<i>Sida cordifolia</i> L.	Malvaceae	Almeida e Bandeira (2010), Almeida (2011)
Mandacuru-de-boi	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Cactaceae	Andrade (2008)
Mate-leão	<i>Ilex paraguariensis</i> St.-Hil.	Aquifoliaceae	Araújo e Brito (2018)
Olho-de-boi	<i>Dioclea violacea</i> Mart. ex Benth.	Leguminosae	Sacramento et al. (2019)
Orelha-da-onça	<i>Tibouchina grandifolia</i> Cogn.	Melastomataceae	Tavares et al. (2019)
Orelha-de-vaca	<i>Symphytum officinale</i> L.	Boraginaceae	Tavares et al. (2019)
Orelha-de-urubu	<i>Anthurium affine</i> Schott	Araceae	Silva (2012)
Palma-de-gado	<i>Opuntia ficus-indica</i> (L.) Mill.	Cactaceae	Andrade (2008)
Papo-de-peru	<i>Aristolochia birostris</i> Duch.	Aristolochiaceae	Borges et al. (2006)
Pata-de-burro	<i>Centella ampestr</i> L. Urb.	Apiaceae	Tavares et al. (2019)

Pata-de-vaca	<i>Bauhinia forficata</i> Link	Leguminosae	Cunha Lima et al. (2008), Brito et al. (2015), Oliveira (2015), Cardoso (2016), Gomez et al. (2016), Paixão et al. (2016), Marisco et al. (2017), Tavares et al. (2019), Rocha e Alves (2020), Farias et al. (2021)
	<i>Bauhinia variegata</i> L.		Neto Galvão et al. (2021)
	<i>Bauhinia monandra</i> Kurz.		Rodrigues e Guedes (2006), Almeida et al. (2014), Gomez et al. (2016)
	<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.		Freitas e Rodrigues (2006), Soares et al. (2021)
	<i>Bauhinia candicans</i> Benth.		Silva (2012), Tavares et al. (2019)
	<i>Bauhinia catingae</i> Harms.		Costa Neto et al. (1999)
	<i>Bauhinia longifolia</i> (Bong.) Steud.		Gomez et al. (2016)
	<i>Bauhinia macrostachya</i> Benth.		Silva et al. (2022)
Pau-de-formiga	<i>Cordia nodosa</i> Lam.	Boraginaceae	Almeida et al. (2014)
Pata-de-vaca-branca	<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	Leguminosae	Neto Galvão et al. (2021)
Pau-de-rato	<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Leguminosae	Silva et al. (2012a), Melo-Batista e Oliveira (2014), Sacramento et al. (2019)
Pau-sapo	<i>Heliotropium transalpinum</i> Vell.	Boraginaceae	Santos et al. (2014)
Pé-de-galinha	<i>Dactyloctenium aegyptium</i> (L.) Willd.	Poaceae	Mota e Dias (2012)
Pega-pinto	<i>Boerhavia coccinea</i> Willd.	Nyctaginaceae	Silva et al. (2012a)
	<i>Boerhavia diffusa</i> L.		Gomes e Bandeira (2012), Soares et al. (2021), Neto Galvão et al. (2021)
	<i>Boerhavia hirsuta</i> Willd.		Costa Neto e Oliveira (2000), Cunha et al. (2012b)
Pimenta-de-macaco	<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.	Annonaceae	Gomes et al. (2008), Melo-Batista e Oliveira (2014)
Pimenta-de-passarinho	<i>Solanum nigrum</i> L.	Solanaceae	Costa Neto e Oliveira (2000)
	<i>Capsicum baccatum</i> L.		Neto Galvão et al. (2021)
Pimenta-de-galinha	<i>Solanum nigrum</i> L.	Solanaceae	Borges et al. (2006)
Pulga-do-campo	<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) Oken	Violaceae	Cunha et al. (2012a), Gomes e Bandeira (2012), Gomez et al. (2016)
Purga-de-lagarto	<i>Operculina alata</i> (Hem) Urban.	Convolvulaceae	Silva et al. (2022)

Rabo-de-raposa	<i>Harrisia adscendens</i> (Gürke) Britton & Rose	Cactaceae	Andrade (2008)
	<i>Conyza bonariensis</i> (L.) Cronquist	Asteraceae	Neto Galvão et al. (2021)
Rabo-de-raposa	<i>Verbesina cf. macrophylla</i> (Cass.) Blake	Asteraceae	Mota e Dias (2012)
Rabo-de-rato	<i>Equisetum hyemale</i> L.	Equisetaceae	SILVA (2016)
Remela-de-cachorro	<i>Leandra australis</i> (Clam.) Cogn.	Melastomataceae	Neto Galvão et al. (2021)
Remela-de-gato	<i>Clidemia hirta</i> (L.) D.Don		COSTA et al. (2006), Gomez et al. (2016)
Surucucu	<i>Calathea rotundifolia</i> Poepp & Endl.	Monantaceae	Gomez et al. (2016)
Suspiro-de-cachorro	<i>Cnidioscolus quercifolius</i> Pohl	Euphorbiaceae	Tavares et al. (2019)
Unha-de-gato	<i>Uncaria tomentosa</i> (Willd.) DC	Rubiaceae	Brito et al. (2015)
	<i>Mimosa arenosa</i> Poir.	Leguminosae	Melo-Batista e Oliveira (2014)
	<i>Piptadenia stipulaca</i> (Benth.) Ducke		Almeida (2011), Gomes e Bandeira (2012)
Unha-de-vaca	<i>Bauhinia</i> sp.	Leguminosae	Moreira et al. (2002)
	<i>Bauhinia longifolia</i> (Bong.) Steud.		Gomez et al. (2016)
Velame-de-bode	<i>Croton campestris</i> Muell. Arg.	Euphorbiaceae	Soares et al. (2021)
Venta-de-vaca	<i>Desmodium incanum</i> (Sw.) DC.	Leguminosae	Neto Galvão et al. (2021)
Xinxim-de-galinha	<i>Cleome aculeata</i> (L.) Raf. sin. <i>Cleome affinis</i> DC.	Cleomaceae	Moreira et al. (2002), Feijó et al. (2008), Gomez et al. (2016)
Xixi-de-galinha	<i>Cleome affinis</i> DC. sin. <i>Cleome aculeata</i> (L.) Raf.		Pinto et al. (2006), Gomez et al. (2016)
	<i>Cleome aculeata</i> L. sin. <i>Tarenaya aculeata</i> (L.) Soares Neto & Roelson		Mota e Dias (2012) Neto Galvão et al. (2021)

Quadro 1. Fitozoônimos que identificam espécies de plantas medicinais em diferentes contextos socioculturais do estado da Bahia, Brasil.

Em relação ao levantamento e à sistematização dos fitozoônimos analisados, podemos destacar os seguintes elementos formadores dos fitônimos: (i) referência direta aos animais; (ii) referência a partes corporais dos animais; (iii) “produtos” metabólicos dos animais; (iv) outros elementos nominativos; e (v) verbos de ação.

As espécies animais associadas aos nomes populares de plantas medicinais pertencem a sete grupos taxonômicos (Tabela 1), distribuídos em mamíferos (n=22), aves (n=10), répteis (n=7), anfíbios (n=1), “peixes” (n=1), insetos (n=3) e moluscos (n=1). Do total de 22 zoônimos para mamíferos, o lexema boi aparece 13 vezes, seguido de vaca

(7) e de burro e macaco (4). Com relação às aves, o zoônimo galinha aparece oito vezes.

Grupo taxonômico	Zoônimo popular	Zoônimo científico (pista taxonômica)
Mamíferos	Bode	<i>Capra aegragus hircus</i> Linnaeus, 1758
	Boi	<i>Bos taurus</i> Linnaeus, 1758
	Burro	<i>Equus africanus asinus</i> Linnaeus, 1758 x <i>Equus ferus caballus</i> Linnaeus, 1758
	Cachorro	<i>Canis lupus familiaris</i> Linnaeus, 1758
	Cambambá	<i>Conepatus semistriatus</i> Boddaet, 1785
	Carneiro	<i>Ovis aries</i> Linnaeus, 1758
	Cavalinha	<i>Equus ferus caballus</i> Linnaeus, 1758
	Cavalo	<i>Equus ferus caballus</i> Linnaeus, 1758
	Elefante	<i>Loxodonta africana</i> (Blumenbach, 1797)
	Gato	<i>Felis catus</i> (Linnaeus, 1758)
	Jegue	<i>Equus africanus asinus</i> Linnaeus, 1758
	Leão	<i>Panthera leo</i> (Linnaeus, 1758)
	Macaco	Primates
	Mocó	<i>Kerodon rupestres</i> (Wied-Neuwied, 1820)
	Onça	<i>Panthera onca</i> (Linnaeus, 1758)
	Ovelha	<i>Ovis aries</i> Linnaeus, 1758
	Paca	<i>Cuniculus paca</i> (Linnaeus, 1766)
	Porco	<i>Sus scrofa domesticus</i> Erxleben, 1777
	Raposa	Canidae
	Rato	Muridae
	Tatu	Dasyopodidae
	Vaca	<i>Bos taurus</i> Linnaeus, 1758
	Aves	Andorinha
Anu		Cuculidae
Bem-te-vi		<i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766)
Galinha		<i>Gallus gallus domesticus</i> (Linnaeus, 1758)
Galo		<i>Gallus gallus domesticus</i> (Linnaeus, 1758)
Guiné		<i>Numida meleagris</i> (Linnaeus, 1758)
Guinezinha		<i>Numida meleagris</i> (Linnaeus, 1758)
Peru		<i>Meleagris gallopavo</i> Linnaeus, 1758
Pinto		<i>Gallus gallus domesticus</i> (Linnaeus, 1758)
Pombinha		<i>Columba livia</i> Gmelin, 1789
Répteis	Cainana	<i>Spilotes pullatus</i> (Linnaeus, 1758)
	Cainaninha	<i>Spilotes pullatus</i> (Linnaeus, 1758)
	Cobra	Squamata, Serpentes
	Jacaré	Crocodylia, Alligatoridae

	Lagarto	Squamata
	Surucucu	<i>Lachesis muta</i> (Linnaeus, 1777)
	Teiú	Squamata, Teiidae
Anfíbios	Sapo	Anura, Bufonidae
“Peixes”	Camboatá	Callichthyidae
Insetos	Barata	Blattodea, Blattidae
	Formiga	Hymenoptera, Formicidae
	Pulga	Siphonaptera
Moluscos	Concha	Molusca, Bivalvia

Tabela 1. Relação das espécies animais cujos zoônimos ou referentes zoológicos constituem os fitônimos de plantas medicinais do estado da Bahia, Brasil.

DISCUSSÃO

Destacamos no *corpus* a ocorrência de polissemia e sinonímia. A primeira é quando uma unidade léxica tem mais de um significado. Uma mesma denominação se aplica a diferentes espécies de um mesmo gênero, a espécies de gêneros diferentes da mesma família botânica e a espécies de famílias botânicas diferentes. Segundo Bonet (2010), as causas para a polissemia decorrem de: semelhança morfológica entre as espécies, plantas que compartilham habitat ou época de floração, propriedades ou usos semelhantes de diferentes espécies que recebem um mesmo nome etc. A sinonímia consiste na associação de mais de um nome popular a uma mesma espécie botânica. Trata-se de um fenômeno muito frequente, segundo o autor.

Como exemplo de polissemia, temos o lexema “carrapicho”, o qual está associado a mamíferos que possuem o hábito de pastar, como ovelha (carrapicho-de-ovelha, *Bidens pilosa* L.), boi (carrapicho-de-boi, *Triumpheta semitrilobata* L.) e cavalo (carrapicho-de-cavalo, *Krameria tormentosa* St. Hil.). Trata-se da designação comum a plantas das famílias das compostas, gramíneas, malváceas e tiliáceas, todas com frutos capsulares articulados, com pequenos espinhos ou pelos, que aderem às roupas e nos pelos dos animais (MICHAELIS, 2023). Uma estratégia de dispersão chamada zooscoria (STEFANELLO *et al.*, 2010).

Outro exemplo de fitozoônimo polissêmico é pata-de-vaca, que designa oito espécies de leguminosas do gênero *Bauhinia*, enquanto a etnovarietade pata-de-vaca-branca é usada apenas para se referir à espécie *B. cheilantha* (Bong.) Steud.

Costa Neto (2008) analisou os nomes comuns associados a espécies de maracujás (*Passiflora* spp.) presentes no estado da Bahia, tendo encontrado polissemia em pelo menos dois fitozoônimos, a saber: maracujá-de-cobra, o qual designa as *P. amethystina* Mikan, *P. mucronata* Lam., *P. foetida* L., *P. mansoi* [Mart.] Mast. e *P. contracta* Vitta; e maracujá-de-boi, que nomeia as espécies *P. cincinnata* Mast., *P. luetzelburgii* Harms e *P. edulis* Sims.

Como exemplos de sinonímia, citam-se: pau-de-rato e catinga-de-porco, que se referem à *Caesalpinia pyramidalis* Tul.; erva-mocó, pimenta-de-galinha e pimenta-de-passarinho, que designam a espécie *Solanum nigrum* L.

Em relação às partes animais, observamos 19 designações: barba, beicho, bico, cabeça, crista, orelha, olho, língua, dente, papo, pata, pé, unha, rabo, catana, grão, lã, concha, venta. Língua e orelha prevalecem com quatro e três citações, respectivamente. Exemplos de espécies vegetais que trazem tais elementos em seus nomes populares são: *Mimosa arenosa* Poir., conhecida como unha-de-gato; *Sida limifolia* Cav., língua-de-tatu; *Smilax hilariana* DC., catana-de-jacaré; e *Caesalpinia pulcherrima* (L.) Sw., barba-de-barata.

Os elementos que compõem os fitozoônimos que fazem alusão a “produtos” metabólicos dos animais são: baba, catinga, remela, suspiro, xixi, enxerto, dos quais citamos alguns exemplos: suspiro-de-cachorro (*Cnidocolus quercifolius* Pohl), xixi-de-galinha (*Cleome affinis* DC.) e baba-de-boi (*Solanum hypocarpium* A.St.-Hil.).

Também merece destaque a presença de outros elementos nominativos, tais como água, amor, chá, escada, escova, agasalho e xinxim. O elemento “água”, por exemplo, é usado para nominar o fitozoônimo água-de-elefante, que corresponde à espécie *Alpinia speciosa* K. Schum., uma planta ornamental e medicinal da família do gengibre (Zingiberaceae). É amplamente utilizada como diurético, anti-hipertensivo, anti-ulcerogênico e sedativo (MAIA, 2011). O referente elefante provavelmente fora registrado erroneamente, pois o nome popular comumente usado para se referir a essa planta é água-de-alevante.

Embora se apresentem em número reduzido, foi possível observar dois verbos de ação na constituição de alguns fitozoônimos: assar, que compõe o binomial assa-peixe, nome comum para espécies da família Asteraceae (gêneros *Verbesina*, *Vernonia* e *Eupatorium*); e pegar, que entra na composição do binomial pega-pinto, o qual designa três espécies da família Nyctaginaceae (*Boerhavia diffusa* L., *B. hirsuta* Willd. e *B. coccinea* Willd.).

Além dos elementos formadores dos fitônimos supracitados, registram-se nominativos genéricos que merecem uma explicação adicional:

- a) O nominativo leão, que forma o fitônimo mate-leão (que remete ao chá da planta *Ilex paraguariensis* St.-Hil.), refere-se aqui à marca do produto e não efetivamente à expressão matar um/o leão (*Pantera leo* Linnaeus, 1758).
- b) Gado, que entra na composição do fitônimo palma-de-gado, uma espécie de Cactaceae forrageira – *Opuntia ficus-indica* (L.) Mil. – que é dada a animais de criação no sertão nordestino.
- c) Passarinho – aves de pequeno porte, da ordem Passeriformes, que incluem representantes de várias famílias aviárias.
- d) Peixe – termo genérico para animais vertebrados adaptados à vida aquática, com esqueleto ósseo ou cartilaginoso e temperatura variável segundo as oscilações

térmicas do ambiente.

Por meio da análise, observamos a inter-relação entre os elementos de ordem natural (referência a animais) e cultural (motivação no ato da nomeação e compartilhamento social dos significados). Vale ressaltar que o estudo não se voltou para a etimologia ou origem dos fitônimos, mas para o todo significativo que integra os nomes investigados (aspectos léxico-semânticos). Essa inter-relação presente no processo de nomeação dos fitônimos demonstra “[...] como os membros da comunidade captam o real, criam os sentidos, representam o real, categorizando e classificando linguisticamente o meio ambiente” (ARAÚJO; COUTO, 2013, p. 389). Os autores ainda destacam que isso ocorre da seguinte maneira:

O indivíduo percebe as coisas, capta o real, o que foi captado pela pessoa passa pela sensação, onde se cria os sentidos e daí ele representa a coisa, tudo isso passando dinamicamente pelo bio-psico-pulsional (biologismo, psiquismo, pulsão-energia) mais as intimações do meio social. Após essas etapas vem a da conceptualização, que consta de seu compartilhamento com outros membros de P [povo]. Resumindo: as coisas só se semantizam na mente dos indivíduos após a interação com outros membros de P, ou seja, semantizar é o mesmo que coletivizar, comunitarizar e lexicalizar. (ARAÚJO; COUTO, 2013, p. 390).

Esse processo é abordado por Couto (2021) e retomado por Silva M. (2021) em *O ecossistema mental da língua e a psicolinguística* ao tratar justamente do processo de formação onomasiológica das palavras. Isso quer dizer: parte-se do conceito (ou da coisa designada) em direção à palavra que a designa.

A seguir temos, então, a “ampulheta da lexicalização”, que ilustra o processo de formação onomasiológica mencionado (Figura 1).

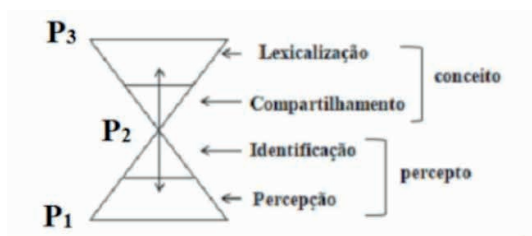


Figura 1 – Ampulheta da Lexicalização.

Fonte: Silva (2021).

Na figura, P1 representa a percepção da coisa, ou seja, o que foi captado na interação com o meio, o real. Isso passa pela sensação e pelos sentidos. Em P2, temos além da identificação a etapa da conceptualização, isto é, o compartilhamento com outros membros do ecossistema social. E por último, em P3, a lexicalização, momento em que se

passa a conhecer determinado fenômeno e, assim, é possível se referir a ele, ou seja, o termo passa a constituir o léxico da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos a respeito da fitonímia popular são aliados no processo de conservação do conhecimento, assim como colaboram para a compreensão do histórico das relações das comunidades locais com a flora. Por conseguinte, é importante notabilizar a visão que as comunidades tradicionais possuem a respeito da flora, tratando-se também da sua classificação vernacular, já que essa, por sua vez, possui informações a respeito das características morfológicas, das propriedades e aplicações das plantas, além dos conhecimentos de fenologia, ecologia e etologia das espécies (MARTÍNEZ; CÚNEO, 2009).

A nomenclatura vernacular de plantas apresenta relevância à compreensão do sistema simbólico construído pelas comunidades tradicionais. Além de constituir uma ferramenta importante para a conexão entre os saberes populares e acadêmicos, os estudos fitonímicos também podem ser utilizados em concomitância com a educação ambiental, auxiliando na preservação da flora. De acordo com Torres (2023),

Estudos fitonímicos realizados na área de estudo também contribuirá para o enriquecimento do léxico popular e científico dos nomes que compõem cada uma das espécies vegetais costeiras, que na ordem social constitui um elemento de importância vital para elevar o nível cultural dos habitantes desses ecossistemas, bem como uma mudança de atitude dos mesmos em relação ao seu ambiente.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA JÚNIOR, J. P.; AYALA-OSUÑA, J. T.; QUEIROZ, S. R. O. D.; RIOS, A. P. Levantamento etnobotânico e etnofarmacológico de plantas medicinais do município de Itaberaba-BA para cultivo e preservação. **Sitientibus, série Ciências Biológicas**, v. 5, n. 1, 39-44, 2005.

ALINEI, M. Names of animals, animals as names: a synthesis of research. In: MINELLI, A. *et al.* (orgs). **Convegno Internazionale I nomi degli animali**. Veneza: Instituto Veneto di Scienze Lettere ed Arti, 2003. p. 155-172.

ALMEIDA, M. Z. **Plantas medicinais**. 3. ed. Salvador, EDUFBA, 2011.

ALMEIDA, M. Z. *et al.* Species with medicinal and mystical-religious uses in São Francisco do Conde, Bahia, Brazil: a contribution to the selection of species for introduction into the local Unified Health System. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 24, p. 171-184, 2014.

ALMEIDA, V. S. **Uso, manejo e estrutura da vegetação de caatinga por duas comunidades quilombolas do município de Jeremoabo, Bahia, Brasil**. 2011. 202 f. Tese (Doutorado em Botânica) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2011.

- ALMEIDA, V. S.; BANDEIRA, F. P. S. F. O significado cultural do uso de plantas da caatinga pelos quilombolas do Raso da Catarina, município de Jeremoabo, Bahia, Brasil. **Rodriguésia**, v. 61, n. 2, p. 195-209, 2010.
- ANDRADE, C. T. S. **Cactos úteis na Bahia**: ênfase no semi-árido. Pelotas: USEB, 2008.
- ARAÚJO, G. S.; BRITO, N. M.; OLIVEIRA, V. J. S.; SANTOS, E. B. Plantas medicinais comercializadas no município de Muritiba, Bahia. **Journal of Biology & Pharmacy and Agricultural Management**, v. 14, n. 1, p. 10-24, 2018.
- ARAÚJO, G. P. **O conhecimento etnobotânico dos Kalunga: uma relação entre língua e meio ambiente**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- ARAÚJO, G. P.; COUTO, E. K. N. N. A semântica lexical vista pela ecolinguística. In: COUTO, E. K. N. N.; ARAÚJO, G. P.; ALBUQUERQUE, D. B. **Da fonologia à ecolinguística**: ensaios em homenagem a Hildo Honório do Couto. Brasília: Thesaurus, 2013.
- ATRAN, S. **Cognitive foundations of natural history**. Londres: Cambridge University Press, 1990.
- BARRÁS, L. La definición de términos científicos en distintas tradiciones lexicográficas: el caso de los zoónimos. **Panace@**, v. 1, n. 2, p. 85-86, 2000.
- BIDERMAN, M. T. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. **Ciência e Cultura**, v. 58, n. 2, p. 35-37, 2006.
- BONET, M. Á. Fitonímia en llengua catalana: una aproximació a l'estudi dels noms de les plantes. **Llengua i Ús**, v. 47, p. 60-67, 2010.
- BORGES, K. N.; BAUTISTA, H. P. Etnobotânica de plantas medicinais na comunidade de Cordoaria, Litoral Norte do estado da Bahia, Brasil. **Plurais**, v. 1, n. 1, p. 153-174, 2010.
- BORGES, K. N.; BAUTISTA, H. P.; GUILERA, S. C. **Levantamento de plantas medicinais na microrregião de Feira de Santana, Bahia**. In: SEMANA DE MOBILIZAÇÃO CIENTÍFICA, 9., 2006, Salvador. Disponível em: <http://ri.ucs.br:8080/jspui/handle/prefix/3828>. Acesso em: 20 abr. 2022.
- BRITO, N. M.; OLIVEIRA, V. J. S.; SANTOS, E. B. Plantas medicinais comercializadas no município de Cruz das Almas, Bahia, Brasil. **Revista Textura**, v. 8, n. 15, p. 134-140, 2015.
- CARDOSO, B. M. **Levantamento etnobotânico no bairro Centro da cidade de Governador Mangabeira, Bahia**. 2016. 69 f. Monografia de Conclusão de Curso (Farmácia) – Faculdade Maria Milza, Governador Mangabeira. 2016.
- CASTRO, J. A. *et al.* Ethnobotanical study of traditional uses of medicinal plants: the flora of caatinga in the community of Crovolândia-BA, Brazil. **Journal of Medicinal Plants Research**, v. 5, n. 10, p. 1905-1917, 2011.
- COSTA NETO, E. M. Análise semântica dos nomes comuns atribuídos às espécies de *Passiflora* (Passifloraceae) no estado da Bahia, Brasil. **Neotropical Biology and Conservation**, v. 3, n. 2, p. 86-94, 2008.

COSTA NETO, E. M. *et al.* Utilização de plantas medicinais relacionadas a eventos do ciclo reprodutivo feminino e aos cuidados puerperais, no distrito de Oliveira dos Campinhos, Santo Amaro, Bahia.

Sitientibus, série Ciências Biológicas, v. 5, n. 2, p. 125-127, 2005.

COSTA NETO, E. M.; OLIVEIRA, M. V. M.; OLIVEIRA, R. P.; PINHEIRO, C. F. The use of medicinal plant resources in Retirolândia, state of Bahia, Brazil. **Actualidades Biológicas**, v. 21, n. 71, p. 97-109, 1999.

COSTA NETO, E. M.; OLIVEIRA, M. V. M. The use of medicinal plants in the county of Tanquinho, state of Bahia, northeastern Brazil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 2, n. 2, p. 1-8, 2000.

COUTO, H. H. do. **A linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): uma visão linguístico-ecossistêmica**. Campinas: Pontes, 2021.

COUTO, H. H. do. A metodologia na linguística ecossistêmica. **Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)**, v. 4, n. 2, p. 18-33, 2018.

CUNHA LIMA, S. T. *et al.* The use of medicinal plants by an indigenous Pataxó community in NE Brazil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 14, n. 1, p. 84-91, 2012a.

CUNHA LIMA, S. T. *et al.* Plantas medicinais usadas pela comunidade do povoado Laços (Tanhaçu/Bahia) e encontradas na floresta nacional Contendas do Sincorá. **Revista Caatinga**, v. 25, n. 3, p. 130-136, 2012b.

CUNHA LIMA, S. T. *et al.* Levantamento da flora medicinal usada no tratamento de doenças metabólicas em Salvador, BA - Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 10, n. 4, p. 83-89, 2008.

DALY, D. C. Systematics and ethnobotany: what's in a name? In: FONSECA, V. S.; SILVA, I. M.; SÁ, C. F. C. (orgs.). **Etnobotânica: bases para conservação**. Seropédica: EDuR, 1998. p. 50-68.

ESCOBAR ZAPATA, E. **El sistema fitonímico de los pueblos de Tupe y Cachuy: un estudio etnolingüístico**. 2017. 386 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, 2017.

FARIAS, P. dos S. *et al.* Plantas medicinais utilizadas por mulheres em comunidades quilombolas do recôncavo baiano. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 2, e328101219916, 2021.

FEIJÓ, E. V. R. S. *et al.* Levantamento preliminar sobre plantas medicinais utilizadas no bairro Salobrinho no município de Ilhéus, Bahia. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 15, n. 4, p. 595-604, 2013.

FREITAS, T. A.; RODRIGUES, A. C. C. Etnobotânica das plantas medicinais de Madre de Deus, Bahia. **Sitientibus, Série Ciências Biológicas**, v. 6, n. 2, p. 133-137, 2006.

GARCIA, R. S. Considerações sobre a fitonímia Tupi-Guarani registrada no primeiro século da conquista. **Revista do Museu Paulista**, v. 13, p. 425-432, 1961/1962.

GARNER, M. **Language: an ecological view**. Berna: Peter Lang, 2004.

GOMES, E. C. S. *et al.* Plantas da Caatinga de uso terapêutico: levantamento etnobotânico. **Engenharia Ambiental: Pesquisa e Tecnologia**, v. 5, n. 2, p. 74-85, 2008.

GOMES, T. B.; BANDEIRA, F. P. S. F. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia. **Acta Botânica Brasileira**, v. 26, n. 4, p. 796-809, 2012.

GOMES NETO, F. R.; ALMEIDA, G. S. S. A.; JESUS, N. G.; FONSECA, M. R. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela comunidade do Sisal no município de Catu, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 16, n. 4, p. 856-865, 2014.

GOMEZ, M.; ROCHA, E. A.; GOMBERG, E. Análise das publicações etnobotânicas sobre plantas medicinais da Mata Atlântica na região sul do estado da Bahia, Brasil. **Fitos**, v. 10, n. 2, p. 115-140, 2016.

HARTMANN, T. **A nomenclatura botânica Borôro (materiais para um ensaio etnobotânico)**. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros: 1967.

HAVERROTH, M. Etnobotânica: uma revisão teórica. **Antropologia em Primeira Mão**, n. 20, p. 1-56, 1997.

KFFURI, C. W. *et al.* Fitonímia Nheengatu de plantas utilizadas no tratamento da malária no Alto rio Negro – Amazônia brasileira. **Ethnoscintia**, v. 4, 2019. DOI: 10.22276/ethnoscintia.v5i1.274.

LINS, A. C. E.; COSTA NETO, E. M. O que as plantas nos ensinam? Algumas considerações sobre a relação entre os seres humanos e o reino vegetal. **Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem**, v. 8, n. 2, p. 100-125, 2022.

LISBOA, M. S. *et al.* Estudo etnobotânico em comunidade quilombola Salamina/Putumujú em Maragogipe, Bahia. **Fitos**, v. 11, n. 1, p. 48-61, 2017.

MAIA, M. O. N. **Efeitos do óleo essencial *Alpinia speciosa* Schum, Zingiberaceae, no sistema nervoso central e muscular**. 2011. 50 f. Dissertação (Mestrado em Saúde e Ambiente) – Universidade Tiradentes (UNIT), Aracaju. 2011.

MARISCO, G. *et al.* The use of herbal medicine in a rural community in Vitoria da Conquista, Bahia, Brazil: an indication for pharmacological studies. **International Journal of Complementary and Alternative Medicine**, v. 7, n. 1, p. 119-122, 2017.

MARTÍNEZ, G. J.; CÚNEO, P. Las denominaciones vernáculas y el conocimiento toba del entorno vegetal. Disparidades. **Revista de Antropología**, v. 64, n. 2, p. 149-168, 2009.

MELO-BATISTA, A. A.; OLIVEIRA, C. R. M. Plantas utilizadas como medicinais em uma comunidade do semiárido baiano: saberes tradicionais e a conservação ambiental. **Enciclopédia Biosfera**, v. 10, n. 18, p. 74-88, 2014.

MICHAELIS. **Carrapicho**. Disponível em: michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/carrapicho. Acesso em: 14 jan. 2023.

MOREIRA, R. C. T.; COSTA, L. C. B.; COSTA, R. C. S.; ROCHA, E. A. Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. **Acta Farmacêutica Bonaerense**, v. 21, n. 3, p. 205-211, 2002.

MOTA, R. S.; DIAS, H. M. Quilombolas e recursos florestais medicinais no sul da Bahia, Brasil. **Interações**, v. 13, n. 2, p. 151-159, 2012.

NETO GALVÃO, M. *et al.* Ethnobotany applied to the selection of medicinal plants for agroecological crops in rural communities in the Southern end of Bahia, Brazil. **Fitos**, v. 15, n. 1, p. 40-57, 2021.

OLIVEIRA, L. R. Uso popular de plantas medicinais por mulheres da comunidade quilombola de Furadinho em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 10, n. 3, p. 25-31, 2015.

PAIXÃO, J. A. *et al.* F. Levantamento bibliográfico de plantas medicinais comercializadas em feiras da Bahia e suas interações medicamentosas. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 13, n. 2, p. 71-81, 2016.

PAMIES, A. Provérbios fitonímicos e plantas proverbiais. In: SILVA, S. (ed.). **Fraseologia & Cia: entabulando diálogos reflexivos**, v. 2. Campinas: Pontes, 2014. p. 79-104.

PINTO, E. P. P.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de Mata Atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botânica Brasileira**, v. 20, n. 4, p. 751-762, 2006.

RIZZI, C. A. Investigações sobre a construção do fitônimo CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística indígenas. **TradTerm**, n. 19, p. 214-247, 2012.

ROCHA, N. S.; ALVES, L. A. Prevalência do uso de plantas medicinais em uma Unidade de Saúde da Família no Município de Caetanos-BA. **Id on line Revista de Psicologia**, v. 14, n. 51, p. 237-249, 2020.

RODRIGUES, A. C. C.; GUEDES, M. L. S. Utilização de plantas medicinais no povoado Sapucaia, Cruz das Almas – Bahia. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 8, n. 2, p. 1-7, 2006.

SACRAMENTO, A. A.; MARTINS FILHO, I. E.; REIS, L. A. Estudo etnobotânico das plantas medicinais comercializadas na principal feira livre num município do interior do Sudoeste baiano. **Revista Enfermagem Atual**, v. 89, n. 27, p. 1-8, 2019.

SANTOS, C. B.; PEREIRA, M. A. T. O uso de plantas medicinais da caatinga: as concepções dos moradores da Fazenda Fagundes em Curaçá-BA. **Revista Científica do UniRios**, v. 2, p. 194-225, 2020.

SANTOS, I. S.; SILVA, C. B. M. C.; FREITAS, J. S. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no município de Itapetinga, Bahia. **Revista Extensão e Cidadania**, v. 2, n. 4, p. 11-31, 2014.

SILVA, M. M. G. O ecossistema mental da língua e a psicolinguística. **Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem**, v. 7, n. 2, p. 17-30, 2021.

SILVA, B. R. B.; ALMEIDA, C. F. C. Estudo etnobotânico de plantas medicinais de mata ciliar do submédio São Francisco, Nordeste do Brasil. **Ouricuri**, v. 10, n. 1, p. 11-26, 2020.

- SILVA, E. M. G. B. **Uso e manejo de plantas por pescadores artesanais na Baía de Todos os Santos**: uma comparação entre a ilha e o continente. 2012. 148 f. Dissertação (Modelagem em Ciências da Terra e do Ambiente) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.
- SILVA, A. B.; SOUZA, M. F.; SILVA, A. B.; SILVA, A. H. B. **Plantas medicinais da caatinga mais comercializadas em feiras livres, Jequié, Bahia**. Disponível em: www.abhorticultura.com.br. Acesso em: 23 abr. 2022.
- SILVA, N. C. B. *et al.* Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola da Barra II – Bahia, Brasil. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromática**, v. 11, n. 5, p. 435-453, 2012a.
- SILVA, N. C. B.; REGIS, A. C. D.; ALMEIDA, M. Z. Estudo etnobotânico em comunidades remanescentes de quilombo em Rio de Contas, Chapada Diamantina, Bahia. **Fitos**, v. 7, n. 2, p. 99-109, 2012b.
- SILVA, R. de C. M. **Relações produtoras do cuidado em práticas com plantas medicinais na estratégia de saúde da família em Juazeiro – Bahia**. 2016. 174 f. Tese (Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.
- SOARES, B. S.; ARAÚJO, J. S.; LIMA, J. R. O.; OLIVEIRA, E. P. S. Identificação e catalogação de espécies de plantas medicinais presentes nas comunidades atendidas pela incubadora de iniciativas da economia popular e solidária da Universidade Estadual de Feira de Santana (IEPS/UEFS). **Revista Mbote**, v. 2, n. 1, p. 10-32, 2021.
- STEFANELLO, D. *et al.* Síndromes de dispersão de diásporos das espécies de trechos de vegetação ciliar do rio das Pacas, Querência – MT. **Acta Amazonica**, v. 40, n. 1, p. 141-150, 2010.
- TAVARES, F. *et al.* **Fazeres e saberes terapêuticos quilombolas**: Cachoeira, Bahia. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2019.
- TORRES, N. **La fitonimia y su impacto social en la comunicación y solución de los problemas ambientales**. Disponível em: <<https://www.monografias.com/trabajos33/fitonimia/fitonimia>>. Acesso em: 06 mar 2023.
- VAN DEN EYNDEN, V.; CUEVA, E.; CABRERA, O. Of 'climbing peanuts' and 'dog's testicles', mestizo ans Shuar plant nomenclature in Ecuador. **Journal of Ethnobiology**, v. 24, n. 2, p. 279-306, 2004.